



ESPECIAL 25 ANOS

A FAPEAL em três perguntas

Em setembro de 2015 a FAPEAL completou 25 anos. Numa efeméride desse tipo, é impossível ignorar toda a árdua trajetória que possibilitou a passagem de mais de duas décadas de apoio à pesquisa alagoana. Assim, a *Fapeal em Revista* foi em busca de alguns dos cientistas que participaram da criação e das primeiras atividades da Fundação. Os três doutores responderam às mesmas perguntas desta entrevista, com falas que se complementam e que dão significado à comemoração, revelando um histórico de muita dedicação.

por **FABIANO MELO QUIRINO** • arte **HYLLANE SALGUEIRO**

Antes da criação da FAPEAL, qual era a situação da pesquisa acadêmica em Alagoas?

Dra. Marília: O primeiro doutorado da UFAL chegou em 1974. Depois, Física e Letras começaram a formar seus próprios doutores. Então, a pesquisa – na UFAL – é muito recente, mais recente que em outras universidades. O que nós tínhamos: recursos do **CNPq**, também da **CAPES** e muitas vezes da **FINEP** por conta de doutores que vieram após aquele primeiro de 74. Fundada a FAPEAL, as coisas ficaram mais fáceis, principalmente na questão de formação de recursos humanos; a Fundação sempre deu apoio aos novos cursos de formação. Ou seja, se era criado um curso de pós-graduação, a FAPEAL era a primeira a dar bolsas para esse curso, porque quando o curso é muito recente, é mais difícil que a CAPES e o CNPq auxiliem. Por isso a necessidade de uma fundação estadual.

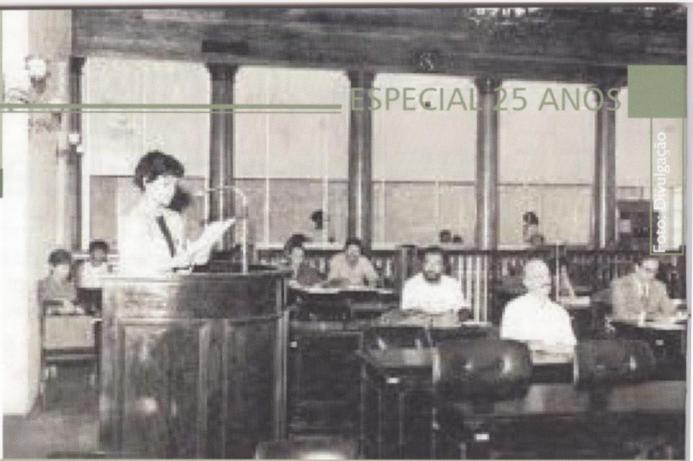
Quem responde

Marília Oliveira Fonseca Goulart, pós-doutora em Química e professora da UFAL, participou da criação da FAPEAL e foi sua segunda diretora científica; Maria Denilda Moura, pós-doutora em Letras e Linguística, professora da UFAL, sucedeu a professora Marília, sendo a terceira diretora científica da Fundação; José Wilbert de Lima, doutor em Matemática e professor da UFAL, participou da criação da FAPEAL e foi seu primeiro diretor científico.

Dra. Denilda: Bom, difícil de responder e ao mesmo tempo muito fácil. A única universidade pública – à época – era a UFAL. Quando eu entrei aqui na Universidade Federal de Alagoas, eu comecei como pesquisadora

do CNPq. Posteriormente, criei o **PET** na área de Letras e Linguística, que era a minha área. Foi o primeiro. Hoje existem 8 ou 9. Eu deixei de ser pesquisadora do CNPq – pois não podia haver acúmulo de bolsa – para implantar o PET na UFAL. Isso foi muito importante, pois permite a entrada de 12 bolsistas, mantidos com bolsa da CAPES, que podem se dedicar à pesquisa e ao ensino. Antes da criação da FAPEAL, a pesquisa dependia “unicamente” da UFAL, porque na verdade eram os professores pesquisadores que tinham interesse e que procuravam agências de fomento lá fora, como a CAPES e o CNPq, para realizar suas pesquisas. A própria UFAL não valorizava a pesquisa, e até hoje isso é uma questão muito clara: a valorização é mais para o ensino de graduação.

Dr. Wilbert: A pesquisa era basicamente financiada pelo CNPq, o FINEP, o BNDES e vários outros programas de ca-



No plenário da Câmara Estadual, em 1989, Marília Goulart, professora de Química da UFAL, defende o projeto de criação da FAPEAL. Dentre os diversos pesquisadores que participaram das discussões àquela época, a doutora Marília foi escolhida por – dentre outras características notáveis – ser detentora do *Prêmio Jovem Cientista*, algo emblemático para a então incipiente ciência alagoana.

racterísticas não periódicas. A FAPEAL não começou com investimento de peso na pesquisa, ela começou muito devagar. Procurou primeiro se estruturar; precisava ter também um objetivo, que não tinha ainda; precisava montar seu Conselho Superior e criar uma proposta de desenvolvimento científico e tecnológico para Alagoas. Isso nunca tinha sido pensado anteriormente; havia, claro, várias propostas de planejamento de Estado – a Secretaria de Planejamento já existia, obviamente – mas política de ciência e tecnologia nunca havia sido explicitada até então. Assim, a FAPEAL precisou de bastante tempo para aprender como desenvolver uma política de ciência e tecnologia para o estado de Alagoas. E, considerando as

especificidades do estado, não se tratava apenas de uma política de ciência e tecnologia, mas de uma que atendesse à realidade alagoana.

“As pessoas precisam saber que nós estamos sendo financiados com recursos públicos, e nós temos de dar de volta à população um bom ensino, ter preocupação com quem nós vamos formar e com a aplicação relevante e responsável da nossa pesquisa”.

Profa. Marília Goulart

Vivemos numa sociedade em que todos parecem correr atrás de seu “lugar ao sol”, concluindo uma graduação – por exemplo – e indo logo em busca de uma vaga no mercado de trabalho. Reco-

nhecendo essa realidade, por que fazer pesquisa, afinal?

Dra. Marília: Ora, sem ela nós não temos a pesquisa aplicada! Ela é a base de tudo, assim como a educação, a pesquisa acadêmica é base para o conhecimento. Tudo é uma relação entre informação, analisada com inteligência, levando ao conhecimento, e a sabedoria, que é a utilização desse conhecimento para o bem público. As pessoas têm de se preparar para disputar uma vaga tendo mérito. Então é uma questão mesmo meio sociológica de valorização da qualidade e um

Saiba+

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (até 1971 Conselho Nacional de Pesquisa, cuja sigla, CNPq, se manteve). Fundado em 1951, é um órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia que incentiva a pesquisa científica no Brasil.

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. É o “braço” do MEC responsável pelos programas de mestrado e doutorado. É a CAPES que avalia regularmente os cursos já existentes e aprova ou não a abertura de novos.

FINEP: Financiadora de Estudos e Projetos – ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – tem como objetivo transformar o Brasil por meio da inovação e promover o desenvolvimento econômico e social do país por meio do fomento público à ciência, à tecnologia e à inovação em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas.

ENTREVISTA

senso de dever. As pessoas precisam saber que nós estamos sendo financiados com recursos públicos, e nós temos de dar de volta à população um bom ensino, ter preocupação com quem nós vamos formar e com a aplicação relevante e responsável da nossa pesquisa.

Dra. Denilda: Se você quer crescer dentro da sua área de atuação, então você precisa estudar e reproduzir as ideias dos outros, pois você vai ler o que já foi construído. Mas há muita coisa a ser construída e a pesquisa colabora exatamente nisso, a descoberta das coisas, você tentar ver com outros olhos um objeto do qual você tinha uma visão “X” ou “Y” e isso se desenvolve numa forma que precisa ser explicada. Então, dá a pesquisa! Por exemplo, eu sou pós-doutora, mas ainda hoje faço pesquisa, porque acho que

ainda há muita coisa a se conhecer e a se mostrar. Há alunos da graduação com bolsa de iniciação científica (**PIBIC**); ou seja, você está fazendo a graduação

“Se você quer crescer dentro da sua área de atuação, então você precisa estudar e reproduzir as ideias dos outros, pois você vai ler o que já foi construído. Mas há muita coisa a ser construída e a pesquisa colabora exatamente nisso, a descoberta das coisas, você tentar ver com outros olhos um objeto do qual você tinha uma visão “X” ou “Y” e isso se desenvolve numa forma que precisa ser explicada. Então, dá a pesquisa!”.

Profa. Denilda Moura

realmente quer da vida. Você quer só o emprego e ter o salário? Então faz um curso à distância (EAD) e tenha o título.

Dr. Wilbert: Existe esse anseio de você chegar rapidamente ao mercado de trabalho. É um anseio legítimo; é quase sinônimo de se estabilizar financeira-

mente, crescer como indivíduo, como casal etc. Isso não se opõe à pesquisa. O que me parece fora de propósito é essa ansiedade de terminar logo, de chegar logo. Você ir para o mercado de trabalho mal formado é um duplo desperdício: houve um investimento público – que foi para o lixo – e há o desperdício maior, que é o pessoal, de sua vida também ir para o lixo. Pois você não vai conseguir bons empregos se não tiver uma boa educação; seu emprego vai ser compatível com o seu conhecimento. Isso está cada vez mais forte neste momento que vivemos, a “sociedade da informação”: quanto maior sua “informação”, mais valioso é você. Isso passa primeiro por uma boa educação, que nós ainda não temos; a educação oferecida pelas universidades brasileiras ainda é de qualidade duvidosa. Se você entrar num programa de iniciação científica (PIBIC) é certo que você vai ter uma boa qualidade de ensino e de orientação. Existem vários incentivos para esses indivíduos. Para aquele que não vai se dirigir à pesquisa, a “programação” é menor, mas há – por exemplo – a bolsa PET, que não é necessariamente para quem vai para a



ENTREVISTA

pesquisa.

A FAPEAL parece não ser tão conhecida quanto deveria, dada sua importância para Alagoas. A que se deve isso?

Dra. Marília: É a questão do desconhecimento da importância da ciência, da tecnologia e da inovação no estado de Alagoas. É uma questão de educação, que ainda não é privilegiada no estado. Então isso repercute em todos os níveis, porque isso é a base: se você não cuida da educação, você não vai ter um pessoal preparado para vivenciar os avanços da ciência, da tecnologia e da inovação. A FAPEAL é imprescindível, eu digo até essencial para o estado. Mas não é conhecida justamente por termos essa condição de não haver privilégio à educação. Então, é uma questão política: educação em primeiro lugar! Isso nós não estamos vendo...

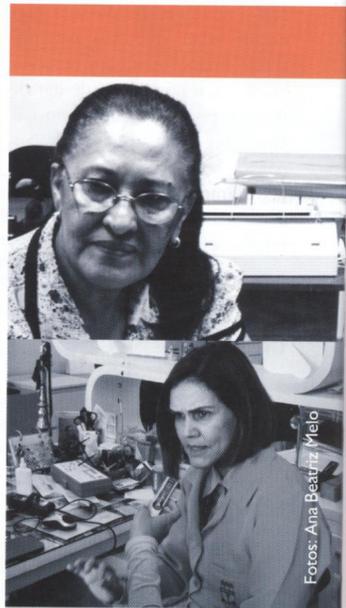
Dra. Denilda: Esta foi a grande questão de quando eu estava na FAPEAL. O pessoal da Fundação temia muito que quando

soubessem que a FAPEAL tinha algum recurso, as pessoas ligadas ao governo do estado supostamente se beneficiariam e não

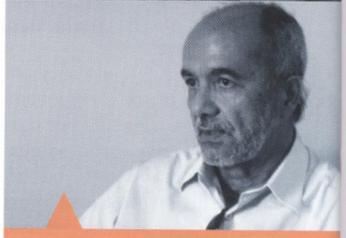
“Existe esse anseio de você chegar rapidamente ao mercado de trabalho. O que me parece fora de propósito é essa ansiedade de terminar logo, de chegar logo. Você ir para o mercado de trabalho mal formado é um duplo desperdício: houve um investimento público – que foi para o lixo – e há o desperdício maior, que é o pessoal, de sua vida também ir para o lixo. Pois você não vai conseguir bons empregos se não tiver uma boa educação; seu emprego vai ser compatível com o seu conhecimento”.

Prof. Wilbert de Lima

o estado como um todo. Então as pessoas tinham medo de divulgar o que era feito pela FAPEAL. A coisa era muito mais restrita. Mas nós começamos a divulgar, e na verdade não foi fácil; eu falei com o presidente, falei com o pessoal dos setores de apoio, e conseguimos lançar o primeiro boletim da FAPEAL; à época foi criado inclusive o primeiro evento de projetos integradores, foi a primeira vez que houve no esta-



Fotos: Ana Beatriz Melo



Maria Denilda Moura, Marília Goulart e Wilbert de Lima foram alguns dos membros das discussões que, em meados de 1989, propunham estratégias para a inclusão na Constituição Estadual do projeto da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), algo concretizado em setembro de 1990.

Saiba+

PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Iniciativa do CNPq que paga uma bolsa de estudos a graduandos que se envolvem em pesquisa – orientados por doutores da universidade – enquanto cursam a faculdade.

BNDES: O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) é uma empresa pública federal cujo principal objetivo é financiar em longo prazo a realização de investimentos em todos os segmentos da economia, de âmbito social, regional e ambiental.